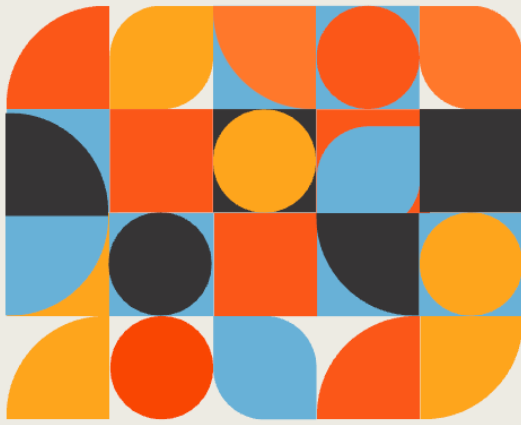




EMERGÊNCIA CLIMÁTICA NUM IMPÉRIO EFÊMERO: modelos econômicos focados em redução de impactos e responsabilidade socioambiental

*CLIMATE EMERGENCY IN AN EPHEMERAL EMPIRE:
economic models focused on impact reduction and socio-environmental responsibility*

Fabri, Hélcio José Prado Fabri Doutorando, Universidade Positivo, helcio.fabri@up.edu.br¹

Resumo: A indústria têxtil brasileira mudou com a introdução das fibras sintéticas nos anos 1950, impulsionando o “fast fashion” pela produção em larga escala e baixo custo. Contudo, esses materiais geram resíduos de difícil reciclagem, agravando impactos ambientais. Apesar da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS, 2010), grande parte do descarte segue para aterros ou lixões a céu aberto. Este trabalho propõe discutir alternativas sustentáveis, alinhadas à economia circular e práticas ESG, unindo design, inovação e políticas públicas.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável; Gestão Ambiental; Economia Circular.

Abstract: The Brazilian textile industry changed with the introduction of synthetic fibers in the 1950s, boosting fast fashion through large-scale, low-cost production. However, these materials generate waste that is difficult to recycle, aggravating environmental impacts. Despite the National Solid Waste Policy (PNRS, 2010), most discards still end up in landfills or open dumps. This paper proposes discussing sustainable alternatives, aligned with the circular economy and ESG practices, combining design, innovation, and public policies.

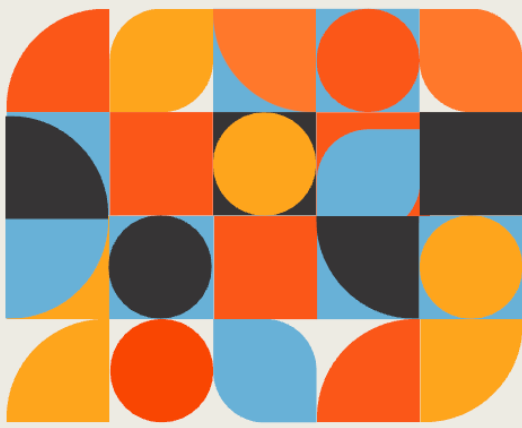
Keywords: Sustainable Development; Environmental Management; Circular Economy.

Introdução

A indústria têxtil e de vestuário no Brasil passou por transformações significativas ao longo das décadas, que descrevem mudanças tecnológicas, sociais e culturais. A introdução das fibras sintéticas na moda brasileira iniciou na década de 1950, liderada pela Rhodia S.A. uma empresa química francesa, fundamental na popularização do uso de materiais como náilon e poliéster no Brasil. O mesmo grupo, que tinha o monopólio da produção de fios sintéticos, por conta da exclusividade das patentes para a fiação de poliéster no

¹ Desenhista Industrial, Doutorando em Gestão Ambiental (UP) Mestre em Comunicação e Linguagens (UTP), Docente na área de Design, Design Visual e Design de Moda na Universidade Positivo (Curitiba, PR), Professor do Programa de Extensão Institucional da Universidade Positivo. Presidente do Núcleo Docente Estruturante de Design de Moda (UP), Pesquisador no ECOHUB Ecossistema de Inovação da Universidade Positivo, Membro do Comitê Gestor do Selo Curitiba Cidade Criativa da UNESCO 2025-2027.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

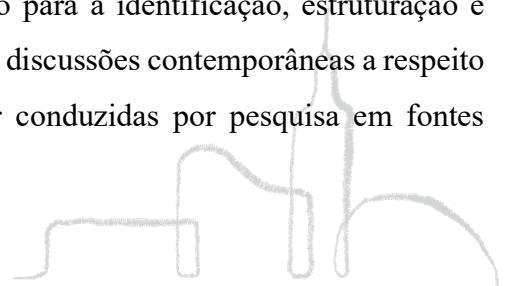
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

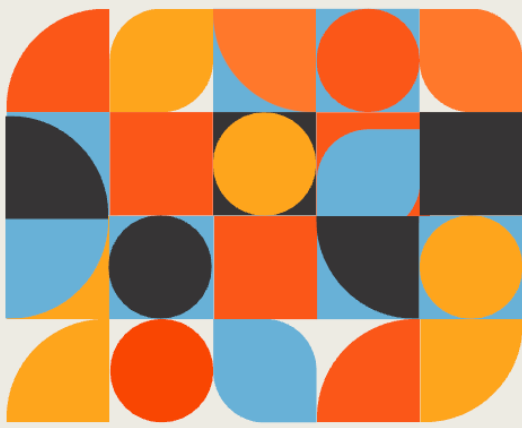
Brasil, desenvolveu também editoriais de moda para revistas femininas direcionadas para um novo perfil de consumidoras que surgia. Esses materiais sintéticos permitiram a produção em larga escala de produtos de vestuário, mas também cama, mesa e banho, o que tornou o consumo de produtos mais acessível ao público, do ponto de vista dos negócios. Nessa evolução o mercado impulsionou uma demanda crescente pela produção de produtos com preço reduzido, movimento que na moda culminou na indústria de “fast fashion”, que utiliza largamente fibras sintéticas devido ao seu baixo custo e versatilidade. Diante do cenário das emergências climáticas, as questões sobre os impactos ambientais desta cadeia de produtos e serviços se intensificam nas discussões sobre o desenvolvimento de uma cultura de negócios e consumo baseados na gestão ambiental para a produção e a um consumo ético e sustentável, nas esferas econômicas, políticas, sociais e ambientais.

Embora no Brasil, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) busque reduzir a geração de resíduos e promover a reciclagem e o reaproveitamento, o volume de materiais de descarte têxtil produzido ainda supera a inexistência ou capacidade de reciclagem existente. Em muitas cidades brasileiras, as indústrias de vestuário, compostas majoritariamente por microempresas e MEI (microempreendedor individual), frequentemente destinam esses resíduos ao descarte junto ao lixo convencional, que acaba sendo enviado para aterros sanitários.

Este trabalho tem como objetivo discutir o uso de fibras sintéticas pela indústria do vestuário brasileira e propor caminhos para sua transição rumo a modelos de produção baseados na economia circular e nas diretrizes da agenda ESG. A pesquisa busca compreender como as principais empresas têxteis vêm respondendo às pressões ambientais e sociais, e de que forma inovações tecnológicas, políticas públicas e estratégias de design podem favorecer práticas mais sustentáveis, responsáveis e regenerativas. A reflexão busca entender como podemos discutir uma melhor gestão de materiais e processos tidos como sustentáveis e inovadores e como ser mais ágil na promoção da economia circular e de uma cultura de consumo de moda com menor impacto ambiental negativo.

A pesquisa tem caráter interdisciplinar, ao abranger múltiplas áreas de conhecimento, como design, engenharia têxtil e química e será estruturada por meio de documentação indireta com informações interpretadas por outros estudos por meio da análise de conteúdo e exame sistemático para a identificação, estruturação e avaliação dos conhecimentos. O trabalho será conduzido e embasado pelas discussões contemporâneas a respeito das questões relacionadas à moda, sustentabilidade e economia circular conduzidas por pesquisa em fontes escritas secundárias em torno dos assuntos.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

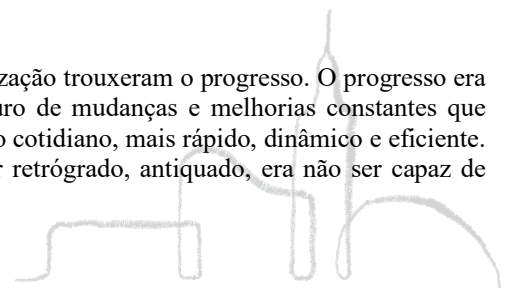
Moda efêmera e efemeridade: um pano de fundo teórico

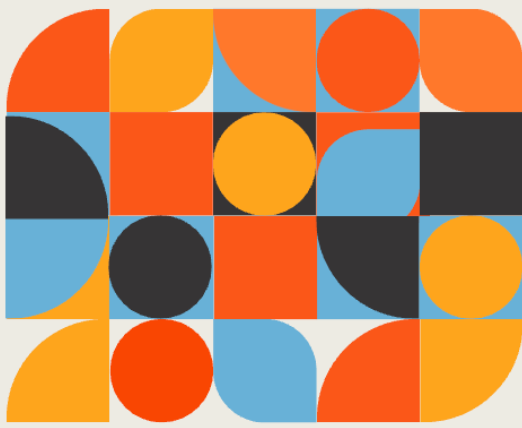
A moda efêmera representa um fenômeno cultural central da modernidade tardia, marcado pela valorização da novidade e pela cadência acelerada das tendências. O filósofo Gilles Lipovetsky (2009), em *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*, destaca que a moda expressa a lógica da efemeridade como distinção simbólica descrevendo que a inovação formal em matéria de objetos não tem por fim um mundo de objetos ideal, mas um ideal social... “o novo da moda é antes de tudo um signo distintivo...” Esse novo, conforme Lipovetsky, permite sustentar identidades em um contexto de consumo simbólico, ao mesmo tempo que acelera o ciclo de obsolescência. Complementando, Lipovetsky explora a noção de hipermodernidade propondo que a sociedade atual não é pós-moderna, mas uma modernidade exacerbada caracterizada por uma cultura do excesso, do sempre mais (...) desejando acompanhar essa velocidade (2004).

O desenvolvimento da indústria moderna está profundamente associado à ideia de progresso, conceito que, entre os séculos XVIII e XIX, se consolidou como pilar das transformações sociais, econômicas e culturais. Nesse período, a industrialização passou a ser compreendida não apenas como um avanço tecnológico, mas como promessa de um futuro melhor, marcado pela aceleração dos ritmos de vida, pela produção em larga escala e pela crença de que a modernidade traria melhorias constantes. O “novo” assumiu o estatuto de valor positivo, difundido como sinônimo de eficiência, dinamismo e prosperidade.

Neste contexto, as feiras e exposições internacionais tiveram papel decisivo na legitimação do progresso industrial, funcionando como vitrines de inovações e como espaços de difusão de um imaginário coletivo em torno do futuro. Ao mesmo tempo em que exaltavam as conquistas da técnica, essas exposições também reforçavam o caráter cultural do consumo, criando desejos e expectativas no público, como destaca a pesquisadora Aline Monçores (2020) em suas pesquisas sobre tendências:

“Durante os séculos XVIII e XIX, o capitalismo e a industrialização trouxeram o progresso. O progresso era aclamado como um caminhar em direção ao futuro, um futuro de mudanças e melhorias constantes que fomentava um novo estatuto social, um novo amanhã, um novo cotidiano, mais rápido, dinâmico e eficiente. Uma nova vida, boa e melhor. Ser contra o progresso era ser retrógrado, antiquado, era não ser capaz de





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

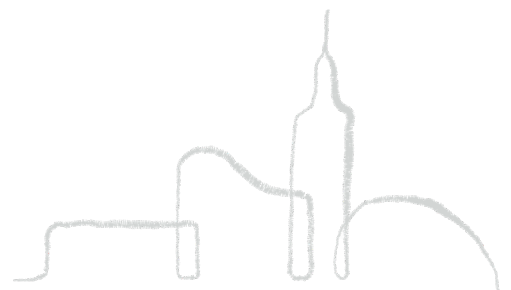
aceitar as benfeitorias do novo sistema econômico e produtivo. No período da industrialização, portanto, o conceito de novo como algo bom era a ser disseminado e o progresso acabava sendo a representação material de todo esse sistema positivista e também a crença de um futuro promissor” [...]

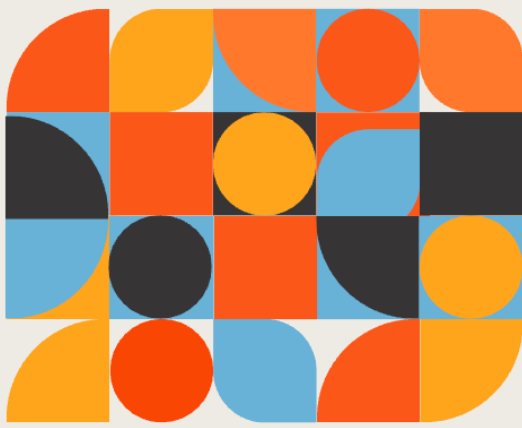
e complementa que (idem):

“A ideia do progresso foi cautelosamente associada às ações positivas, benéficas, dando a essas novas tecnologias um caráter: o aumento do número de postos de trabalho, os lucros, o crescimento dos postos de trabalho, o aumento das rendas familiares, etc, tudo aclamado como os adventos do progresso. Pouco se falou sobre os malefícios, como a diminuição da qualidade de vida, o aumento do número de doenças infecciosas, o desaparecimento da mão de obra qualificada artesã, das famílias inteiras confinadas em fábricas, entre outros. Isso porque a aceitação do progresso dependia, em grande parte, desta noção do novo como algo bom”.

Assim, observa-se que a moda efêmera emerge como parte de uma lógica cultural mais ampla, vinculada à valorização do novo e ao imaginário de progresso construído desde a Revolução Industrial. A partir do século XIX, o “novo” foi institucionalizado como sinônimo de avanço e prosperidade, difundido por meio das feiras e exposições internacionais que legitimaram a industrialização como promessa de futuro. No campo da moda, essa lógica se traduziu em ciclos cada vez mais curtos de tendências e em uma cadência acelerada de consumo, cuja função simbólica era tanto marcar distinções sociais quanto alimentar a engrenagem do capitalismo nascente.

Contudo, a mesma lógica que consolidou a modernidade também revelou suas contradições: ao mesmo tempo em que difundia um ideal de progresso, escondia seus efeitos negativos, como a precarização do trabalho, a degradação ambiental e a obsolescência programada dos produtos. Hoje, em pleno contexto de hipermodernidade, a moda continua sendo expressão da efemeridade, mas enfrenta um tensionamento crescente diante da emergência climática e das críticas ao “fast fashion”. Nesse cenário, o movimento “slow fashion” desponta como alternativa e sinaliza um período de transição paradigmática, em que práticas sustentáveis e éticas disputam espaço com a lógica descartável do consumo acelerado. Desta forma, compreender a moda efêmera e suas raízes históricas é fundamental para analisar os desafios contemporâneos da indústria têxtil, especialmente em países como o Brasil, onde os impactos sociais e ambientais da produção e do consumo se entrelaçam com a busca por modelos de desenvolvimento mais justos e sustentáveis.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

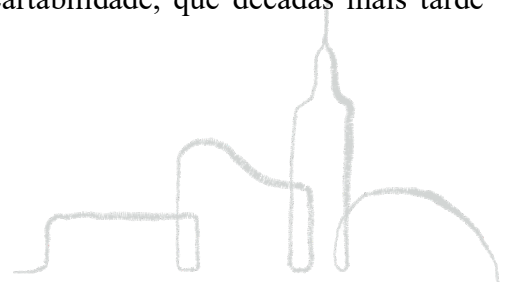
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

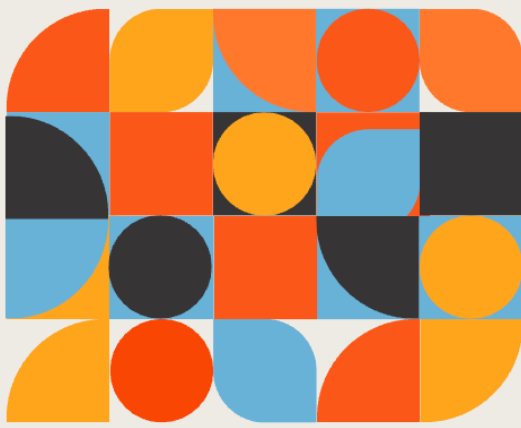
Avanços nos anos 1950: Rhodia e o cenário das fibras sintéticas no Brasil

A década de 1950 marcou uma transformação significativa na indústria têxtil brasileira com a chegada das fibras sintéticas, liderada pela Rhodia, filial da multinacional francesa Rhône-Poulenc. Em 1958, a empresa obteve o monopólio das patentes de produção do poliéster no Brasil, além de controlar a fabricação de náilon e acrílico. Essa posição dominante permitiu que a Rhodia estruturasse não apenas a cadeia produtiva, mas também as práticas de comunicação e marketing voltadas ao consumo de moda.

Segundo a professora Maria Claudia Bonadio (2014), em sua pesquisa sobre os editoriais da época, a Rhodia utilizou estratégias inovadoras de divulgação ao associar seus produtos a editoriais de moda em revistas femininas de grande circulação, como *Jornal das Moças* e *Claudia*. Essas publicações não apenas exibiam roupas confeccionadas com fibras sintéticas, mas também criavam narrativas de modernidade, praticidade e sofisticação para a mulher brasileira. Assim, a empresa consolidava a ideia de que vestir tecidos sintéticos equivalia a adotar um estilo de vida moderno e urbano. Os impactos foram expressivos. De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o consumo de fibras sintéticas no Brasil saltou de cerca de 5.731 toneladas em 1960 para 56.640 toneladas em 1970 — um crescimento de quase 1.000% em uma década. Esse avanço reflete tanto a expansão da indústria quanto a aceitação do público consumidor diante da novidade tecnológica.

Do ponto de vista cultural, a Rhodia também se destacou por criar o famoso Rhodia Fashion, um projeto de apoio à moda brasileira nos anos 1960 e 1970, que contratou fotógrafos, estilistas e modelos renomados para campanhas publicitárias. Essas ações reforçaram a imagem de inovação e lançaram as bases para a profissionalização da moda no Brasil. Neste cenário, a Rhodia foi uma das primeiras empresas a entender a moda não apenas como produto, mas como linguagem cultural capaz de produzir desejo, distinção e pertencimento mas também significou a consolidação de um modelo de dependência tecnológica e mercadológica. Por um lado, o acesso às fibras sintéticas democratizou o consumo de roupas e artigos de cama, mesa e banho, tornando-os mais acessíveis às classes médias emergentes do período desenvolvimentista brasileiro. Por outro, estabeleceu um ciclo produtivo intensivo em recursos e altamente associado à lógica da descartabilidade, que décadas mais tarde desembocaria na consolidação do “fast fashion”.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

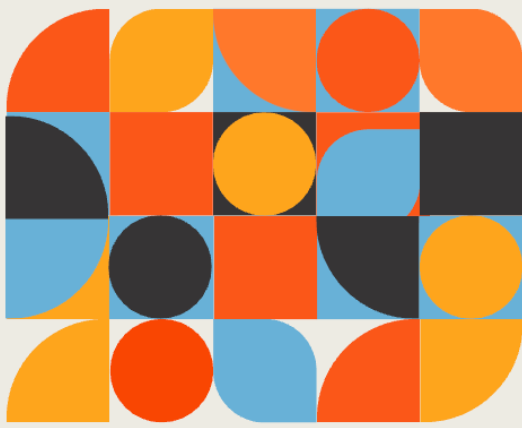
Impactos ambientais e desafios da reciclagem

O consumo acelerado de fibras sintéticas resultou em desperdício crescente, dificultando a reciclagem: muitos resíduos têxteis ainda terminam em aterros ou lixões a céu aberto. Estudos apontam que esse modelo segue dependente da lógica da economia linear de "extrair-transformar-descartar", típica do fast fashion, que promove coleções aceleradas, preços baixos e produtos de curta duração, mas ignora os custos socioambientais de sua cadeia. A persistência dessa lógica linear também se reflete na baixa taxa de reaproveitamento. As fibras sintéticas, como o náilon e o poliéster, podem levar séculos para se decompor no meio ambiente, liberando microplásticos durante todo o seu ciclo de vida e contaminando solos, rios e oceanos. Apesar da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS, 2010), que estabelece diretrizes para a redução e reaproveitamento dos resíduos, a infraestrutura brasileira para reciclagem têxtil ainda é limitada e fragmentada, especialmente considerando que a maioria das empresas do setor são micro e pequenas indústrias sem condições técnicas ou financeiras para implantar sistemas de logística reversa.

Neste contexto, surgem desafios técnicos adicionais: a dificuldade de separar tecidos compostos por misturas de fibras, o alto custo das tecnologias de reciclagem química e a baixa qualidade dos produtos reciclados em relação às fibras virgens. Pesquisas recentes apontam, contudo, para alternativas promissoras. Estudos em desenvolvimento utilizam inteligência artificial, imagens hiperespectrais e robótica para aprimorar a triagem e a separação de resíduos têxteis, ampliando a eficiência e reduzindo custos. Essas inovações sinalizam que a transição para uma economia circular na moda depende tanto da incorporação tecnológica quanto de mudanças culturais e políticas que promovam o consumo responsável e a valorização da durabilidade.

Assim, os impactos ambientais da moda efêmera revelam um desafio multidimensional: reduzir o volume crescente de resíduos, desenvolver tecnologias capazes de reintroduzir esses materiais em ciclos produtivos e, sobretudo, repensar a cultura do consumo acelerado que sustenta o "fast fashion". Sem esse enfrentamento, a indústria têxtil permanecerá como uma das mais poluentes do planeta, contradizendo os compromissos globais de sustentabilidade e as metas da Agenda 2030.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

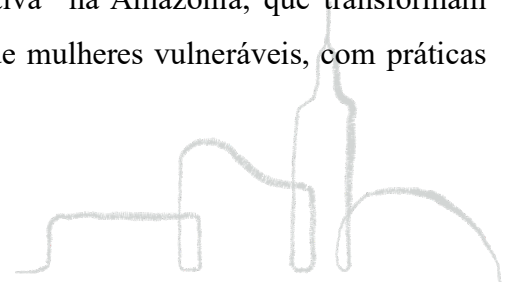
FAAP - SÃO PAULO

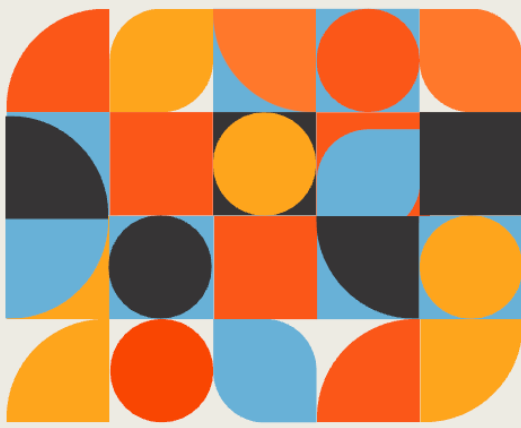
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A indústria têxtil e de vestuário ocupa papel central nas transformações sociais e econômicas do último século, consolidando-se como uma das cadeias produtivas mais dinâmicas do mundo contemporâneo. No entanto, essa relevância vem acompanhada de profundas contradições: enquanto movimenta bilhões de dólares e gera milhões de empregos, também se destaca entre os setores mais poluentes, responsável por impactos socioambientais que vão do consumo excessivo de recursos naturais ao acúmulo de resíduos sólidos e à emissão de gases de efeito estufa.

Nas últimas décadas, o modelo do “fast fashion” intensificou essas contradições ao consolidar práticas de produção e consumo acelerados, baseados em coleções de curta duração, preços reduzidos e estímulo à obsolescência. Diante desse cenário, emergem questionamentos urgentes sobre a sustentabilidade da moda e a necessidade de repensar seus processos de design, produção e descarte, em que pretende-se demonstrar que a articulação entre economia circular, políticas públicas e práticas empresariais responsáveis pode abrir caminho para uma moda mais ética e sustentável, capaz de conciliar desenvolvimento econômico, inovação e responsabilidade socioambiental. Em centros urbanos como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, multiplicam-se projetos que combinam inovação, geração de renda e práticas de economia circular na cadeia têxtil. Um destaque importante é o modelo de upcycling, desenvolvido na Universidade Positivo (Curitiba, PR) onde retalhos da indústria de vestuário Malwee são transformados — por meio de uma metodologia de pesquisa-ação — em artefatos como bolsas, acessórios e itens de decoração, reduzindo significativamente os resíduos destinados a aterros e reforçando a ideia de valorização criativa de sobras de tecidos.

Além dos casos técnicos, há experiências que evidenciam a reciclagem como suporte socioeconômico. Por exemplo, a marca Veja, unindo forças com cooperativas de catadores em Minas Gerais, está criando um sistema totalmente rastreável de poliéster pós-consumo para produção de calçados, reforçando a transparência e o protagonismo dos trabalhadores na cadeia sustentável. Outros exemplos envolvem iniciativas com foco em reutilização social e ambiental, como projetos baseados na “moda criativa” na Amazônia, que transformam resíduos de estofados em acessórios e objetos por meio de capacitação de mulheres vulneráveis, com práticas zero-waste e inclusão comunitária.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

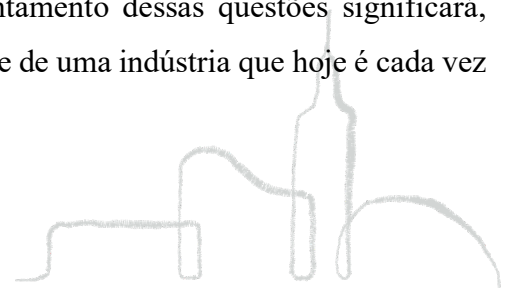
FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

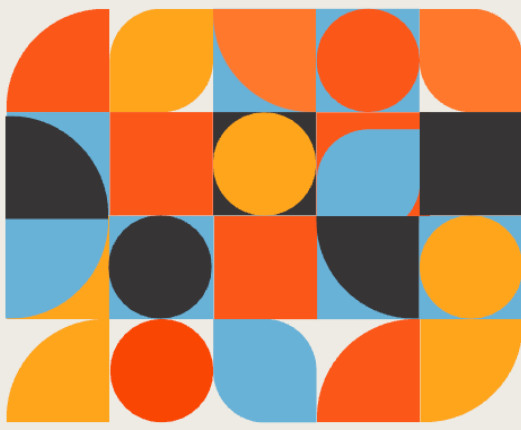
Coletivamente, essas iniciativas mostram que a transição para práticas circulares não se limita ao discurso: há modelos diversificados operando em diferentes escalas, que unem design, inovação tecnológica, ativismo social e responsabilidade ambiental. Eles desafiam a lógica linear vigentes ao demonstrar caminhos viáveis de reaproveitamento, geração de valor simbólico e material, além de fortalecer economicamente coletivos locais.

Conclusões

A análise da trajetória da indústria têxtil e de vestuário no Brasil evidencia como a lógica da efemeridade, associada ao progresso industrial e consolidada na segunda metade do século XX com a chegada das fibras sintéticas, estruturou um modelo de produção e consumo pautado pela aceleração, pela acessibilidade e pela descartabilidade. Esse movimento, intensificado pelo modelo “fast fashion”, democratizou o acesso à moda e consolidou uma cultura de consumo rápida e massificada. Entretanto, essa mesma lógica gerou impactos sociais e ambientais profundos, que vão desde o esgotamento de recursos naturais até a produção de milhões de toneladas de resíduos têxteis de difícil reciclagem, muitas vezes destinados a aterros e lixões.

As reflexões teóricas de Gilles Lipovetsky sobre a efemeridade ajudam a compreender esse fenômeno em sua dimensão cultural, social e ambiental. Elas revelam que a moda não é apenas expressão estética, mas também parte de uma engrenagem econômica que sustenta padrões de consumo e de distinção social, ao mesmo tempo em que reproduz desigualdades e compromete a sustentabilidade do planeta. No Brasil, a experiência da Rhodia nos anos 1950 e 1960 ilustra como a inovação tecnológica foi determinante para a modernização da moda, mas igualmente para a consolidação de um ciclo produtivo baseado na dependência tecnológica, na descartabilidade e na rápida obsolescência. Os desafios contemporâneos — agravados pelo aquecimento global e discutidos em fóruns internacionais como a COP30 — apontam para a urgência de transições efetivas rumo à economia circular, à inovação tecnológica responsável e às práticas ESG. Nesse sentido, o setor da moda precisa reconhecer que sua permanência futura depende da capacidade de se alinhar a uma agenda global de sustentabilidade, que integra metas ambientais, justiça social e viabilidade econômica. O não enfrentamento dessas questões significará, inevitavelmente, o agravamento da crise climática e a perda de legitimidade de uma indústria que hoje é cada vez mais questionada por consumidores, governos e sociedade civil.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Ao mesmo tempo, as experiências locais e nacionais demonstram que mudanças são possíveis. As práticas de *upcycling* desenvolvidas em universidades, os projetos colaborativos entre empresas e cooperativas de catadores, bem como iniciativas de moda criativa em comunidades vulneráveis, revelam o potencial de regeneração social e ambiental que pode emergir quando design, inovação e políticas públicas atuam de forma integrada. Esses exemplos mostram que a transição para práticas circulares não se limita ao discurso, mas já encontra materialidade em iniciativas que fortalecem economias locais, promovem inclusão social e reduzem impactos ambientais.

Conclui-se, portanto, que compreender a moda em sua dimensão histórica e cultural é essencial para repensar sua atuação no presente. Mais do que uma demanda ética, a transição para modelos circulares e sustentáveis configura-se como uma necessidade estratégica para que a indústria da moda permaneça relevante diante das crises ambientais e sociais do século XXI. A construção de uma moda com menor impacto ambiental e maior responsabilidade social exige, simultaneamente, mudança cultural, investimento em inovação e um compromisso político efetivo. Somente assim será possível transformar a lógica do efêmero em práticas que conciliem estética, economia e sustentabilidade, ressignificando o papel da moda como agente transformador em direção a um futuro mais justo e regenerativo.

Referências:

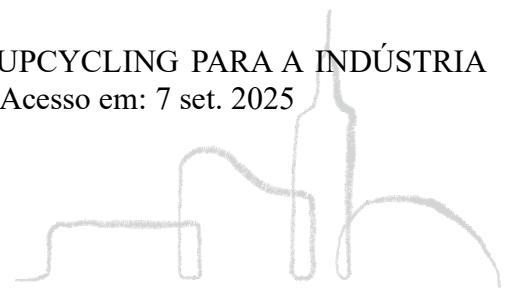
BONADIO, Maria Cláudia. *Moda e publicidade: o grupo Rhodia no Brasil (1960–1970)*. São Paulo: nVersos Editora, 2014.

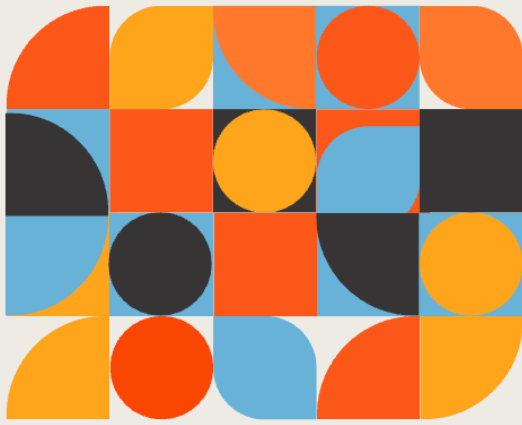
ECONOMIA CIRCULAR: MODELO DE NEGÓCIO BASEADO EM UPCYCLING PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL. *ResearchGate*, 20 dez. 2024. Disponível em: site da publicação. Acesso em: 7 set. 2025

FIESP. *Melhores práticas – Economia Circular na Indústria*. São Paulo: FIESP, 3 meses atrás. Disponível em: site da FIESP. Acesso em: 7 set. 2025.

MONÇORES, A. *Tendências: métodos, mitos e experiências sobre consumo e futuros*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2020.

ECONOMIA CIRCULAR: MODELO DE NEGÓCIO BASEADO EM UPCYCLING PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL. *ResearchGate*, 20 dez. 2024. Disponível em: site da publicação. Acesso em: 7 set. 2025





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Consumo de fibras têxteis no Brasil: 1960–1970*. Brasília: IPEA, 1971. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 7 set. 2025.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

